

P

A/Z

ISSN 1807-9873



Cadernos de Tradução

Número 23 - jul / dez - 2008

A Casa Verde

Paula Dehmel

Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução

Nº 23 , jul/dez de 2008

A casa verde

Paula Dehmel

Organizadora

Erica Foerthmann Schultz

Instituto de Letras - UFRGS

UFRGS

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretor: Prof. Arcanjo Pedro Briggmann

Vice-Diretora: Prof^a. Rosalia Neumann Garcia

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^a. Ana Kessler Rocha

Prof^a. Patrícia Ramos Reuillard

Prof^a. Rosalia Neumann Garcia

Organizadora deste número:

Prof^a. Erica Foerthmann Schultz

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 23, jul-dez, 2008, p. 1-48

SUMÁRIO

Apresentação/5

A casa verde /7

A aranha dourada /15

Mariazinha e o sol /21

Quando não havia jeito de chover /29

A pequena pretzel /33

A fábula da cabeça de repolho e das violetas /39

Natal na despensa /45

As gralhas /45

O sininho/45

Do homenzinho de fogo e da rata cinzina /45

O gato que queria ser gente /45

Menino sol /45

A história de uma mosca de inverno /45

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 23, jul-dez, 2008, p. 1-48

O Setor de Alemão tem a satisfação de apresentar uma segunda coletânea de contos de Paula Dehmel traduzida para a língua portuguesa. Em 2006, *Cadernos de Tradução* publicou *Histórias de Melódia* (*Singens Geschichten*), igualmente voltada ao público infantil.

No presente número, apresentamos uma seleção de histórias provenientes da obra *Das Grüne Haus* (A Casa Verde), publicada em 1907 e disponibilizada eletronicamente na página http://gutenberg.spiegel.de/?id=5&xid=414&kapitel=1#gb_found.

A berlinense Paula Dehmel nasceu em 1862, vindo a falecer em 1918. Foi casada com o prestigiado poeta Richard Dehmel, com quem teve três filhos. O casal divorciou-se em 1900, porém a parceria literária permaneceu e juntos publicaram várias obras de literatura infantil e juvenil.

Os contos traduzidos em *A Casa Verde* novamente revelam uma forte carga de lirismo e sensibilidade. Com mais força do que em *Histórias de Melódia*, faz-se sentir uma certa melancolia e o tema da morte de pessoas queridas aparece com uma frequência maior do que o comum em obras voltadas a público tão jovem. Não obstante, momentos de humor, por vezes negro e bizarro, podem ser observados, como na história da pequena rosca *Pretzel*, que corre o mundo atrás de sua amiga. Magia, encantamento e amor à natureza estão presentes em todos os contos. As histórias *O Sininho* e *A Flor de Cristo* revelam também uma marcada espiritualidade, outro elemento que aparece repetidamente na obra.

Como é habitual na literatura infantil, poesia e prosa mesclam-se no texto, causando grandes dificuldades aos tradutores, uma vez que a tradução poética é uma tarefa que exige conhecimentos muito especializados. Ao longo da tradução, houve o empenho em conservar, na medida do possível, os elementos culturais e temporais observados nos textos. Evitar a domesticação foi, portanto, um fio condutor da tarefa tradutória e optou-se por revelar ao leitor os elementos que

A casa verde

evidenciavam o fato de que as narrativas têm como cenário a Alemanha do início do século XX, no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Os nomes próprios só foram traduzidos quando portavam carga simbólica, como é o caso da *Tia Felpuda*, em que o nome revelava características físicas do personagem. Outra estratégia tradutória foi a busca do equilíbrio entre um registro culto e formal de linguagem e uma adequação de vocabulário e estilo para a faixa etária de seu receptor da primeira década século XXI.

Em seu país de origem, os poemas para crianças escritos por Paula Dehmel e Richard Dehmel continuam a ser publicados e são encontráveis em livrarias. A maior parte da prosa da autora, porém, só pode ser localizada em sua forma digital ou em sebos. Embora conscientes de que a obra apresente aspectos datados e reveladores de uma Alemanha muito diversa da sociedade multicultural que é hoje, os tradutores dos contos aqui apresentados esperam que o leitor brasileiro seja envolvido pela mesma atmosfera de lirismo e encantamento que sentiram ao realizar a tradução.

Sim, eu moro em uma casa verde e todos os contos de fadas e histórias que estão neste livro foram escritos dentro dela. Ela não é pintada como uma cerca ou uma floreira, assim ficaria feia. As pessoas não misturam as tintas tão bem quanto nosso querido Deus. Minha casa é de um verde diferente e apenas no verão. Nessa época, as roseiras e aveleiras crescem de forma tão densa nos muros que não se pode mais olhar pelas janelas, apesar de elas se encontrarem num nível baixo. E quando vem o vento, ele sopra as folhas secas e as pétalas das flores sobre minha escrivaninha. Algumas pequenas lagartas e pequenos besouros já rastejaram sobre minhas histórias.

É nessa casa verde que moro com meus três filhos: Detta, Peter e a pequena Liselotte, que ainda não vai para a escola e é tão travessa que necessita de toda minha atenção e carinho. Imaginem só, tempos atrás ela queria de qualquer forma arrancar as flores do meu novo chapéu e, como eu não deixei, ela começou a gritar tanto que eu tive de colocá-la de roupa e tudo na banheira e ligar a ducha fria. Levou um susto e ficou quieta.

A Detta e o Peter já são mais ajuizados; se eles não brigassem tanto eu estaria totalmente satisfeita com eles, mas essa mania eles não conseguem perder.

Nosso pai saiu mundo afora tentar a sorte, e nós ficamos sozinhos na casa verde. Não, não, além de nós tem o Dido, o lingüicinha, que late para todas as pessoas que passam perto da cerca, e a velha Guste que descasca as batatas e arruma os quartos, coisa que eu não gosto de fazer. No entanto, eu sou uma verdadeira mãe, como as mães de vocês e também posso cozinhar para o almoço e costurar, como é o correto.

À tarde, quando as crianças terminaram as lições, vamos passear no bosque, que fica bem próximo da nossa casa verde, ou então vamos para o laguinho dos juncos. Lá eles podem brincar e subir na canoa que está amarrada na beira,

fazendo de conta que estão remando ou podem dar comida para os patos que nadam no lago. Quando o sol se põe, os troncos brilhantes dos pinheiros, dourados e avermelhados e as nuvens cor de rosa pairando no céu nos deixam muito felizes.

Se o tempo não estiver bom, ficamos em casa tocando músicas. Detta já consegue tocar pequenos trechos no violino, e eu a acompanho no piano. Um belo som. Ou então cantamos bonitas canções populares, alegres ou tristes. Nesses momentos, a velha Guste, com a lâ e as agulhas de tricô, senta perto para ouvir. Dido nem se mexe, pois também gosta de música.

Nas noites quentes, quando as crianças mais velhas brincam de esconde-esconde na rua, eu me sento na varanda, pego a pequena Liselotte no colo e conto alguma história a ela.

Ela prefere escutar a história do Amigo Husch, um fantasma que caminha para lá e para cá com sua lanterna de vaga-lumes, cuidando se todos os seus filhotes de caracóis e joaninhas já adormeceram, bem comportados.

Quando a lua brilha no jardim, eu canto para as crianças a música da princesa Mirlamein, que fica sentada na lua, tecendo e jogando os longos fios brilhantes sobre a Terra, para que as pessoas tenham sonhos claros e bonitos.

Por último, quando as crianças estão dormindo e tudo está quietinho, vou ao jardim, onde está minha querida nogueira com suas brilhosas e perfumadas folhas.

Ao seu redor há um banco onde me sento, encosto a cabeça no tronco e fecho os olhos. Que maravilha! Silenciosamente ressoam as folhas e escuto sons e palavras que se tornam histórias completas que minha árvore sussurra para mim. Durante horas eu poderia ficar assim, escutando e guardando o que ela conta. Às vezes, um grilo ou um pássaro noturno joga algumas palavras no meio, ou um sapinho adiciona algo de sua sabedoria.

Mas o melhor é o que diz minha nogueira e eu guardo tudo na minha mente. Assim fico sentada, em algumas noites do verão, embaixo de sua ramagem e quando escutei o suficiente de suas histórias, volto para a casa verde e me sento na escrivaninha. Ali está a grande cadeira entalhada e forrada em couro, minha pena e um pacotinho de folhas brancas; então posso anotar o que minha nogueirazinha me contou, e vocês também devem ouvir alguma dessas coisas.

Tradução de Cristiano Kunst

A aranha dourada

O pequeno Karl era muito calado e sempre sentia saudade. Não sabia dizer que tipo de saudade era, mas doía bastante.

Olhava para o retrato de sua mãe que estava na parede perto da escrivaninha do escritório de papai. Ela trajava um vestido branco, portava ramos verdes e um véu na cabeça. Era muito bonita. Karl sabia que o vestido era um vestido de noiva e que os ramos verdes eram parte de uma grinalda. Fazia tempo que ela havia falecido, quase o mesmo número de anos que a idade Karl.

Às vezes ficava parado junto à janela da cozinha, olhando para a cerca e para rua. Lá as crianças brincavam de "*Um Camponês Foi Buscar Lenha*" e outras brincadeiras. Karl gostava de vê-los brincar, mas não queria participar das brincadeiras. As crianças eram muito briganas e barulhentas e implicavam com ele, porque era tão calado. Não, bom mesmo era brincar com *Mohr*, ele era bonzinho e ficava muito feliz quando o soltavam da corrente e corriam com ele no imenso gramado.

Mas ele gostava mesmo era de ficar em casa com a velha Nana e ouvir suas histórias: o conto do Homenzinho de Fogo; o da Rata Cinzinha; a história da bela filha do moleiro que havia caído no fosso e foi obrigada a casar com o feio antílope de barbas verdes. Mas a história mais bonita de todas era a da aranha dourada que tecia seus fios desde o céu até a terra. A Nana contou que a aranha dourada só podia comer vespas douradas e que, na primavera, ela morava no velho carvalho do parque. Quem trouxesse uma vespa dourada para ela, poderia ver o céu; contou a boa Nana. E o pequeno Karl ficava imaginando jeitos de levar uma vespa dourada para a aranha dourada, mas não conseguia encontrar solução.

Certa vez, estava sentado abaixo dos lilases, com as mãos embaixo da cabeça e olhando para o balão que flutuava lá no alto do céu azul. Visto do chão,

brilhava como prata e o pequeno Karl voltou a sentir tanta saudade. Ele gostaria de estar lá no balão; bem, bem acima das árvores e das pessoas. O professor contara que a terra não seria mais do que uma grande bola. Será que dava para ver de cima? Ou era necessário ir mais alto? Até o sol, onde a aranha dourada havia costurado seus fios?

Naquele momento, uma andorinha passou voando e – *plim!* – algo caiu na grama. Quando levantou para olhar, viu que era uma vespa dourada; logo então soube que devia levá-la para a aranha dourada. Amarrou o inseto no lenço e foi para o parque.

Pois lá se encontrava o pequeno Karl à espera da aranha dourada. Sentou-se pacientemente sob o velho carvalho, examinando seus misteriosos galhos curvos. É verdade, tinha de ser um carvalho mágico! Ficou com um pouco de medo e deitou na grama recém cortada. Que cheiro doce e que maravilhosos raios de sol saltitavam entre os ramos: *blém, upa, upa, blim, blém!* Será que os anjinhos dançam assim? Os olhos começaram a doer só de olhar e preferiu fechá-los. Aí as coisas ficaram muito mais bonitas! As centenas de folhinhas douradas e o sol vermelho e as margaridas. Havia também papagaios coloridos e um engraçado tucano com um imenso bico vermelho-amarelado e penas multicoloridas. Certamente tinham vindo do Jardim Zoológico para visitar a aranha dourada. E olha, lá estava ela, a aranha dourada! O pequeno Karl não havia percebido sua chegada! Lá estava uma maravilhosa teia dourada, estendendo-se de árvore para árvore até perder de vista. Luzes e brilhos cercavam o menino. A aranha dourada veio logo em sua direção, teceu novos fios a seu redor e cantou com voz suave:

*A aranha tece com sol e luz
Áurea trama que reluz;
Bela teia, de sol dourada,
Para toda a meninada;
Vai tecendo,
Vai tecendo,
E os calados envolvendo.*

Cantava e envolvia Karl completamente com seus macios fios dourados; porém ele não sentia medo, sentia-se feliz como no mais belo dos sonhos.

– Siga-me, ordenou a aranha dourada.

Karl trajava agora vestes de puro ouro e espantava-se com a facilidade que conseguia subir! Acenava para os papagaios e para o tucano que faziam olhos de espanto e seguia a aranha dourada, escalando até o topo do carvalho dourado. Como um mar verde parecia-se o parque abaixo, pois o carvalho era mais alto do que todas as outras árvores, muito mais alto. Mas o que era isso? O carvalho subia mais e mais, até as nuvens! Lá estava a casa de seu pai, podia reconhecer pelo pombal; lá estavam a igreja e a escola; tudo era tão bonitinho, tão pequeninho!

E o canal! Parecia uma cobra prateada!

O carvalho não parava de crescer. A cidade se afastava cada vez. Por fim, enxergava apenas uma mancha clara e outra escura. Acima das montanhas e acima da floresta, tudo era visível. Via como o canal desembocava em um grande rio e o grande rio percorria grandes partes da paisagem.

– Nosso carro está chegando, disse a aranha dourada.

O pequeno balão que Karl havia visto um pouco antes parou na sua frente. A aranha o prendeu com um fio de ouro e eles embarcaram no barco prateado.

– Agora você vai ver porque preciso da vespa dourada; comentou a aranha.

Dizendo isso, pegou o bichinho e amarrou dois grossos fios em torno de sua fina cintura. Zuum, voou a vespa, e a aranha dourada tinha seu cavallinho no cabresto.

– Quando chegarmos até Deus, ela vai morrer. Mas ela não se importa, pois Deus vai beijá-la e não há felicidade maior do que esta; falou a aranha dourada.

– Veja como a terra vai ficando cada vez menor, você já pode perceber que ela é uma bola, do mesmo jeito que a lua e as outras estrelas!

Karl olhou espantado para baixo. Agora só podia distinguir terra, água e as altas montanhas. E a vespa fazia o barquinho prateado voar cada vez mais alto, passando pela lua, que também tinha mares e montanhas, e por centenas de estrelas, grandes e pequenas, vermelhas e brancas, azuis e verdes.

– Se não tivesses agora tua roupa dourada, irias congelar. O ar aqui é tão fino e frio, que pessoa alguma pode viver, explicou a aranha dourada, mas logo chegaremos ao Jardim dos Jovens Anjos, lá é quente e vamos ficar por lá mesmo.

Karl estava mais calado do que o normal, mas não sentia saudades, não conseguia parar de olhar as estrelas brilhantes.

Finalmente chegaram ao Jardim dos Jovens Anjos. Um grande pano de veludo branco estava estendido entre quatro estrelas. Flores e árvores cresciam por lá como aqui na terra, só que eram muito mais altas e brilhantes. Entre os arbustos voavam grandes e estranhos pássaros. E no meio de tudo havia centenas de anjos, em pé e sentados, tinham violinos ou flautas nas mãos, outros liam livros. Todos usam túnicas de seda branca e tinham raios de sol em torno da cabeça. No centro havia um grande trono. Era feito de nuvens brancas e quatro grandes águias estavam sentados nos seus braços.

– Este é o trono do bom Deus, disse a aranha, passando com Karl entre os anjos que cumprimentavam gentilmente. Sentarem junto as degraus do trono de Deus e a aranha contou:

– Hoje é a festa do solstício, hoje Deus virá até aqui e beijará as almas que recém chegaram ao céu; elas então serão abençoadas e ganharão asas. Ouça, os anjos já estão começando com sua música.

Karl jamais havia ouvido uma música assim! Soava como o farfalhar das árvores e cachoeiras, como o zumbido dos besouros e grilos, entre eles ouvia-se sons mais longos que pareciam com o canto do rouxinol. E o ar era tão solene

Mariazinha e o sol

que Karl mal ousava respirar. Mas quando se virou para a aranha dourada, preciso fechar os olhos de tanto brilho! Ela parecia ser um pequeno sol e os anjinhos subiam e desciam por sua teia resplandecente. De repente, no trono havia um grande e belo homem de barbas brancas e mãos finas e claras. E todos os anjos se inclinaram perante ele, um a um foram abençoados e beijados pelo bom Deus e todos ganharam asas e tinham um olhar sereno.

Subitamente, a aranha tinha o belo rosto de sua falecida mãe e um longo véu e grinalda na cabeça. Ela tomou Karl pela mão e levou-o até Deus.

- Beije-o também, Senhor, pediu ela. – Beije para que a forte saudade se vá, para que ele se torne alegre como as outras crianças e possa brincar com elas à luz do sol.

- Por certo irei beijá-lo, disse o bom Deus e tomou Karl em seus braços, mas não poderei tirar a saudade com beijos, ela ficará.

E Deus beijou a testa de Karl. Os céus ecoavam, milhares de sinos tocaram. A criança sentia uma grande labareda em seu coração e, caindo de joelhos, soluçava de felicidade.

Quando quis erguer-se novamente e olhar para o bom Deus e para sua bela e amorosa mãe, tudo estava escuro em seu redor. Caiu, quase perdeu os sentidos e seguiu caindo em silêncio e com rapidez pela noite. Caía, caía, caía e caía, até chegar ao chão do parque. Estava exatamente no mesmo lugar em que a aranha o havia apanhado. Levantou-se e foi para casa. Nana e Mohr estavam na porta e queriam sair para procurá-lo. Nana achou que ele tinha adormecido e sonhado, mas ele sabia melhor.

Ainda era o calado e pequeno Karl, mas quando o sol brilhava através dos galhos, via a aranha dourada que tinha os olhos de sua mãe, sentada no meio da teia de raios, com anjinhos subiam e desciam por ela. E quando a forte saudade voltava e queria atormentá-lo, sentia o beijo de Deus em sua testa e a labareda no coração. A forte saudade não causava mais dor no pequeno Karl.

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

Era uma vez uma menina miúda e mimosa que se chamava Mariazinha. Todo dia ao levantar, corria para a janela para cumprimentar o sol. Ela gostava muito do sol, porque era muito claro e quente. Muitas vezes, ela estendia os braços na direção do sol, como se ele fosse sua mãezinha, ria de alegria e dizia:

-Oh meu querido e bonito sol!

Um dia a pequena menina acordou e lá fora estava muito escuro, tão escuro que ela nem achou suas meias.

-Onde está o meu sol, perguntou triste, meu sol brilhante?

Mas nem Fritz, que sabia de tudo, não conseguia responder. Por isso ela pegou seus sapatos, botou o casaco com botões brilhantes e foi procurar o sol.

Na porta da casa, ela encontrou a chuva. Ficou emburrada e abriu o guarda-chuva.

-Bom dia, chuva. Você viu o meu sol?, perguntou a menina.

-Deixe-me, *plim, plim*, deixe-me, respondeu a chuva.

-Espere só, sua rabugenta, resmungou Mariazinha e abriu se guarda-chuva. Neste momento o vento chegou perto dela.

-Ai vento, você vem de tão longe, será que você sabe onde ficou meu sol dourado hoje?

-*Uiva, uiva, uiva*, fez o vento.

-Mas isso não é uma resposta correta, disse a menina e apertou os lábios. Mas o vento a deixou e saiu soprando por aí. Como o vento é mal-educado, pensou ela.

Sobre sua cabeça correram grandes nuvens negras.

-Olá nuvens, vocês viram o meu sol bonito? Já que vocês moram tão perto dele, por favor, digam onde posso encontrá-lo. Eu até daria minha boneca Hilde de presente para vocês. Ela tem cabelos loiros e crespos e está bem nova.

-Nós estamos correndo, nós estamos correndo, não temos tempo, responderam as nuvens e olharam tão sérias que a menina ficou com medo e correu para o mato.

Lá havia uma roseira com muitos botões de rosas.

-Minha querida roseira, eu sei que você gosta tanto do sol como eu, você pode me dizer onde ele estará hoje?

A roseira sussurrou:

-Ai, eu estava com sede, as minhas folhas estavam cheias de pó, os meus botões estavam quase murchos.

-Mas o sol! - chorou a menina.

-Ai, eu estava com tanta sede. Caíram gotas e minhas folhas beberam, meus botões se levantaram, era fresco e maravilhoso! E se o sol chegar, os meus botões vão se abrir e ele vai me beijar, continuou cantando o arbusto.

-Então você acredita que ele vai voltar, perguntou Mariazinha mais uma vez. Mas a roseira ficou calada, totalmente sonhadora e absorta.

A pequena menina continuou tristemente a procurar. A floresta era tão escura e horripilante, os sapos coaxavam na grama molhada. A menina estava quase voltando a chorar, quando chegou um pássaro vermelho. O pássaro sentou-se no ombro da menina e olhou-a carinhosamente com seus olhos brilhantes:

-O que você me daria de presente se eu chamasse o sol, Mariazinha?

-Um beijo, um doce beijo, disse a menina.

Com essas palavras, ela pegou no pescoço do pássaro e deu um beijo gostoso no seu bico. Ele acenou com a cabeça e voou para o topo da árvore mais alta. Lá começou a cantar, de início baixo e calmamente, depois mais e mais alto. No final, cheio de felicidade, cantou tão alto que todas as flores levantaram a cabeça e todos os animais escutaram a música, impressionados. Mariazinha dançou de alegria, enquanto o pássaro cantava e o céu começava a clarear. De repente, o sol grande e brilhante apareceu atrás das nuvens negras. Estas foram embora o mais rápido possível. O vento deitou calmo nos pés do sol, a chuva rastejou para dentro da terra e acima dos campos brilhou um arco-íris gigante.

-Olá, meu sol querido, gritou Mariazinha e estendeu os braços na sua direção. Jogou mais alguns beijinhos para o pássaro vermelho que balançava em cima dos ramos. Depois, ela foi para casa e - vocês já conseguem imaginar - ela contou toda a história para Fritz, do começo até o final. E assim, ele percebeu que ainda não sabia de tudo.

Tradução de Annelie Scheider

Quando não havia jeito de chover

- Se não chover longo, me atiro no chão; disse o guarda-chuva para a bengala de passeio enfeitada com uma cabeça de cobra e que sempre saía quando o pessoal da casa ia passear.

- Morro de chatice. Este horroroso tempo ensolarado! Se não chover logo, acho que desmaio.

Mas não chovia. O sol ardente brilhava e brilhava no céu claro. E quando o sol se deitava, continuava quente e abafado. As folhas das árvores estavam empoeiradas e ressecadas; as flores desabrochavam e logo murchavam; os pássaros procuravam nervosos por água; até o riacho havia secado. Na estrada marchavam soldados mal-humorados e sedentos, cobertos de poeira da cabeça aos pés.

E o guarda-chuva, de pura raiva e monotonia, caiu mesmo do suporte.

À tarde os soldados faziam manobras, *cabum, cabum!*

Então algumas nuvens curiosas espiaram de bem longe no horizonte:

- Que "*cabum, cabum*" é esse?, perguntaram elas e chegaram mais perto.

E mais e mais nuvens se aproximavam e queriam saber de onde vinha o barulho. Mas não conseguiam chegar a uma conclusão. Começaram a brigar e batiam uma na cabeça das outras. E querem saber de uma coisa? Quando as nuvens batem uma nas cabeças das outras, elas arrebatam e quando arrebatam, acabam fazendo chuva! E foi assim que naquele dia desabou um belo temporal sobre a terra!

As folhas e flores respiraram fundo e beberam água até fartar, os pardais brincavam nas poças; o riacho corria; os soldados cantavam uma alegre marcha ao ir para casa e o guarda-chuva foi passear no pátio com o pequeno Fritz e as botas de borracha.

Ele inchava de alegria e pensava na bengala com a cabeça de cobra, largada triste em um canto, pois não podia ir passear.

Tradução de Erica Foerthmann Schultz

A pequena pretzel

Sim, sim, nossa querida pequena Pretzel, a adorável rosquinha, estava com problemas, escutem só!

A pequena Pretzel vivia junto com uma grande Pretzel numa padaria do povoado. Elas se amavam tanto que nem podiam dormir separadas uma da outra, de tanto que se amavam.

Porém, numa certa manhã, a grande Pretzel disse para a pequena:

-Pretzelzinha, preciso viajar por uns dias, não se amedronte, pois voltarei logo.

A Pretzelzinha esperou pacientemente por três dias e depois mais três dias. Depois começou a chorar e chorou por uma semana. Então parou, empacotou uma camisa e um gorro e se pôs a andar, para procurar a grande Pretzel. Ao anoitecer ela começou a ficar cansada, pois a cidade para onde a grande Pretzel tinha ido era muito distante e ela não tinha conseguido nenhuma condução. Finalmente encontrou um coelho que tinha um pequeno carro.

-Por favor, querido coelho, deixe-me ir com você. Eu não tenho pernas, então para mim é difícil caminhar, disse a pequena Pretzel.

-Com todo o prazer! Podes vir comigo até o viveiro, disse o coelho.

A Pretzelzinha subiu no carro e foi junto até o viveiro dos coelhos. Quando ela queria agradecer o coelho disse:

-Não há de que, mas em recompensa, deixe-me dar uma dentada em ti, eu adoro *pretzel*!

-Claro, disse ela. Então o coelho mordiscava e engolia até a pequena Pretzel ficar um tanto menor. Lentamente ela seguiu adiante pensando sempre na sua querida grande Pretzel. Assim ela chegou numa floresta fria e escura. A Pretzelzinha tremia de frio, perdendo-se na escuridão. Por sorte ela encontrou um texugo e, trêmula, chamou dizendo:

-Ah, querido texugo, você sabe onde tem aqui nas redondezas alguma hospedagem para pretzels pobres? Eu estou com tanto frio.

Então ele murmurou:

-Hospedagem para *pretzels* não tem, mas podes dormir na minha casa.

Pegou a pequena Pretzel e levou para sua toca. Lá ela dormiu numa cama de

musgo quente e aconchegante, acordando tarde na manhã seguinte.

- Muito obrigada, senhor Texugo, disse ela amigavelmente. Mas quando queria seguir adiante, ele a segurou e disse, rosnando:

- Primeiro me dê um pedaço de ti, para o café da manhã!

Sem esperar pela resposta, mordeu quase a metade da rosquinha.

Nossa Pretzelzinha sentiu bastante dor, mas mesmo assim, sem dizer nada, seguiu andando.

Por volta do meio dia começou a sentir fome, já que ela mesma não tinha comido nada desde ontem de manhã.

Foi quando viu, penduradas num arbusto sobre ela, duas belas e maduras avelãs; mas ela não as alcançava e nem podia escalar para alcançar. Então ela chamou o mais alto que pôde um esquilo que vinha pulando:

- Por favor, por favor, querido esquilo, colha aquelas duas avelãs e as descasque para mim, pois estou fraca demais para isto.

Rápido como o vento, o esquilo subiu e jogou as sementes nos pés da pequena. Não, na barriga, já que pés ela não tinha.

A Pretzelzinha comia e deixava que o esquilo trouxesse uma casquinha cheia de água. Então ela agradeceu do fundo do coração ao animalzinho e já queria continuar andando quando o esquilo disse:

- Escutem, meus filhos adoram *pretzel*; posso quebrar um pedacinho para eles?

- Mas não demais, resmungou a pequena Pretzel, senão não me sobra nada e eu preciso ir procurar minha grande Pretzel.

O esquilo quebrou um pedacinho e foi para casa. Apavorada, a nossa pequena Pretzel continuou, por causa do medo tinha até esquecido de perguntar o caminho. Foi quando ela encontrou uma velha que procurava cogumelos; e por ter ouvido falar que os humanos são melhores que os animais, criou coragem e perguntou, entre lágrimas, pelo caminho para a cidade. A velha olhou de cima a baixo para a rosquinha que já estava amolecida devido às lágrimas e disse:

- Um amor é digno ao outro. Você é tão macia e eu não tenho mais dentes. Dê-me uns pedacinhos e eu te digo.

Então a pequena Pretzel começou a chorar mais ainda e aos soluços exclamou:

- Existe alguém no mundo todo que possa ajudar ao outro sem dar uma mordida em troca?! Mas como ela queria continuar o caminho e a velha se manteve com o coração de pedra, ela mesma quebrou seus pedaços mais macios e a mulher lhe mostrou o caminho.

Era quase noite quando chegou à cidade. Logo na primeira rua morava um confeitiro e lá então nossa amolecida e frágil Pretzelzinha viu sua querida grande Pretzel pendurada com uma cordinha azul na porta da loja, para chamar a atenção das pessoas. Ah! Como ela queria pular até lá e deixar beijar-se; mas ela não podia mais pular.

- Soltem-me, soltem-me, gritava a grande Pretzel. Vou ficar dura com esse

calor, estou há oito dias cozinhando no sol.

Mas a pequena Pretzel mal podia ajudar a si mesma, pois agora era apenas um bastãozinho pálido, mancando desesperadamente e pedindo conselho ao bom Deus. Foi quando veio uma andorinha voando e, animadamente, a Pretzelzinha chamou:

- Querida andorinha, tire para mim aquela grande Pretzel que as pessoas malvadas penduraram num prego!

A andorinha analisou primeiro a situação, segurou a cordinha azul com o bico e libertou a Pretzel.

- Como é pesada, piava a andorinha.

Lá estava então a bonita e grande Pretzel, na soleira da porta e a pequena queria então pular em seu coração com um grito de alegria. Mas aí! Uma bicada de andorinha a segurou, voando com a pálida rosquinha por cima dos telhados. Provavelmente alimentou seus filhotes com ela. A grande Pretzel ainda permaneceu imóvel por uns instantes observando a pequena ir embora. Então disse, pensativamente:

- Ela era mesmo muito pálida e mole, então passou vagarosamente pelo cesto do padeiro e levou outra *pretzel* para a viagem. Uma bem dourada e crocante, com a qual chegou são e salva. Às vezes, quando dormia, ainda pensava na boa e sincera Pretzelzinha.

Tradução de Cristiano Kunst

A fábula da cabeça de repolho e das violetas

No meio do canteiro de violetas havia um repolho. Por obra do acaso, lá ele brotou crescendo majestosamente. Ninguém estava se preocupando com ele e com as violetas. As pessoas a quem pertencia o pequeno jardim estavam de viagem.

- Para que vocês estão no mundo, perguntou certo dia o repolho para as violetas, quando ela já podia vê-las de cima. - Acho que vocês só produzem folhas e nenhuma cabeça, vocês deveriam saber que as cabeças são o principal!

As violetas ficaram muitíssimo assustadas. Elas não entendiam o repolho, para elas era inacreditável que ele tivesse ficado tão grande. Sim, diariamente elas podiam ver como ele crescia.

- Tsc, vocês são mudas, gritou o repolho, o que vocês querem aqui?

- Florescer e perfumar, disse acanhada uma violeta.

- Florescer e perfumar, ah, pois o homem pode comer isso? Nós, os repolhos, podemos ser comidos por ele, e comida é o principal! Mas vocês! Ah, ah, ah, florescem e perfumam, florescem e perfumam! O repolho se sacudia de tanto rir, ficando mais vermelho do que antes.

As violetas se encolheram. Elas tinham medo da gorda e vermelha cabeça de repolho, considerando-o feioso, apesar de ser tão esperto e poder ser comido!

Todos os dias o repolho fazia longos discursos para as violetas. Elas deveriam pelo menos tentar produzir cabeças, sendo tão franzinas, elas não teriam nenhuma finalidade, e finalidade é o principal!

Certo dia, algumas violetas abriram suas pétalas, e uma deliciosa fragrância afluía sobre o canteiro.

- Como cheira isso aqui, disse o repolho, é horrível como isso aqui cheira! Ele ficou tão furioso que sua cabeça começou a se mexer, já azulada.

Na outra manhã, as pessoas a quem o jardim pertencia voltaram. Uma mocinha abriu a grade e correu para o canteiro de flores.

- Elas já estão florescendo, elas já estão florescendo! - ela jubilava, inspirou profundamente seu perfume e começou a colher um pequeno buquê. Então, notou o repolho e riu.

-Olhe, Fritz, um repolho no meio das violetas!, chamou ela um homem magro, que também entrou no jardim.

-Me dê seu canivete, eu vou cortá-lo. Porém ele disse:

-Primeiro um beijo, Rose, depois você pega a faca. A moça o beijou, e seus olhos sorriram.

O repolho, contudo, berrava:

- Eu ainda quero crescer, eu ainda não estou gordo o suficiente, vocês não percebem que eu ainda não estou gordo o suficiente? E ser gordo é o principal.

Mas ambos não entendiam a língua dos repolhos, assim, logo ele foi cortado.

A moça apanhou ainda mais violetas, algumas para seu amado e outras para a mãe doente, que permanecia sentada no andar de cima, com mãos pálidas, em uma cadeira junto à janela. Então, o quarto inteiro se perfumou, e olhos da senhora reluziam.

Vocês querem saber onde o repolho foi parar? A cabra o comeu e, se não fosse tão tola, poderia ela mesma contar para vocês!

Tradução de Vinícius Heinrichs

Natal na despensa

Embaixo da soleira da porta tinha um pequeno buraco. Atrás dele estava o rato Kiek, esperando. Ele esperou até o patrão da casa tirar as botas e dar corda no relógio; e esperou até a mãe colocar ao cestinha com chaves sobre o criado mudo e cobrir mais uma vez os filhos que já estavam dormindo. Ele ainda esperou até que a escuridão e o silêncio reinassem na casa. Então ele partiu.

Logo havia vida na despensa. O rato Kiek havia avisado toda família de ratos. Então veio Miek, a mamãe rato com os cinco filhotes; o tio Cinzento e a tia Felpuda também compareceram.

De cima da última prateleira o rato Kiek disse silenciosamente para Miek, enquanto distribuía pedacinhos de pavê:

-Mulher, aqui tem algo para as crianças, é macio e doce.

-Vem aqui, Cinzento, guinchou a tia Felpuda olhando atrás do tonel de farinha, aqui tem ganso assado, e te digo que está excelente, ideal para encher o bucho, crocante como casca de nozes.

Mas o Cinzento estava sentado no novo caixote, roendo o pão de mel, sem prestar atenção em mais nada. Os ratinhos estavam fazendo zoeira na caixa de areia enquanto ganhavam pedaços de pavê.

-Pai!, chamou o maior, -meus dentes já estão bem afiados e eu prefiro roer algo; roer soa tão mais bonito.

-Sim, nós também queremos roer, pavê é muito pastoso, disseram todos os ratinhos. Logo em seguida já estavam com o pão de mel e com o ganso assado.

-Cuidado com o estômago!, gritou Felpuda, com medo que não sobrasse nada para ela. -Comer demais pode até matar!

Os ratinhos olharam assustados para a tia, eles não queriam morrer de modo algum, isso deve ser horrível! O pai Kiek os tranquilizava e contava a história de Gottlieb e a pequena Lene, que estavam deitados em suas camas

As gralhas

abraçados num cavalinho de madeira e uma boneca; e contou que na sala estava uma imponente árvore com luzes e enfeites piscantes; também contou que a casa toda tinha um aroma maravilhoso de bolo fresco, mas que estava guardado dentro da cristaleira onde não se podia alcançar.

-Ah, - exclamou Felpuda- não conte tanto, melhor deixar as crianças comerem.

Mas eles riram da tia barriguda e queriam saber ainda mais, mais do que sabia o bom rato Kiek. Por último eles insistiram que também queriam uma árvore de Natal, e os carinhosos pais realmente foram até a cozinha e trouxeram arrastando um galho que tinha sido cortado do grande pinheiro. Foi uma grande alegria! Os ratinhos guinchavam encantados e começaram a roer a madeira verde do galho de pinheiro; mas tinha um gosto repugnante de resina, então eles desistiram e preferiram brincar entre os ramos do galho. Em seguida eles transformaram toda a despensa em parque de diversões. Corriam prá lá e para cá, caminhavam só com as patas de trás, espiavam curiosos por sobre as prateleiras, em todos os ângulos e brincavam de esconder atrás das caixas de legumes e conservas. Também, o que eles iam fazer com aquele galho bobo que nem tinha nada para comer! Mas quando o menorzinho caiu no pote de geléia de ameixa e teve de ser lambido pela mãe Miek e pelo tio Cinzento, foi dado um fim em toda essa algazarra e eles tiveram de voltar a roer o pão de mel.

Na manhã seguinte a velha cozinheira, balançando a cabeça, encontrou o galho de pinheiro na despensa, além de muitos farelos e algo mais, que não necessariamente pertence à despensa. Vocês podem muito bem imaginar o quê! Quando Gottfried e Lene foram à cozinha dar bom dia para a velha Marie, ela mostrou a surpresa e pensou:

-Eles também festejaram um Natal com gosto!

Mas as crianças cochichavam e riam enquanto buscavam um vaso de planta. Eles plantaram o galho e enfeitaram com doces, nozes quebradas, bolo de mel e pedaços de bacon. A velha Marie resmungava, mas como a mãe observava tudo sorridente, ela acabou cedendo. Ela guardou tudo em segurança e deixou o pinheiro de Natal para as criaturinhas roedoras.

As crianças aplaudiram no dia seguinte, ao encontrar a árvore dos roedores saqueada e desejaram ter ouvido um obrigado do pequeno povo. Mas estes estavam embaixo da soleira da porta e digeriam.

-Aquele bacon eu nunca vou esquecer, dizia Felpuda e Cinzento mordida uma avelã que tinha recolhido. Kiek e Miek estavam, porém, ocupados com seus pequenos. Eles tinham comido pão de mel demais e, vocês sabem, queridas crianças, que isto não faz bem!

Tradução de Cristiano Kunst

Entre as gralhas foi programada uma grande assembléia. Um mensageiro do Conselho dos Anciões tinha convidado todas as gralhas adultas para o jardim do castelo. Uma cabana isolada e quase em ruínas deveria ser o ponto do encontro.

O inverno foi extremamente frio, uma capa grossa de neve cobria a terra. Foi uma temporada dura para todos os seres vivos e para os pássaros em especial. Por essa razão, o Conselho dos Anciões tinha convocado a assembléia. Na hora marcada, as gralhas apareceram em grandes bandos; a fome e o tédio; a miséria e a curiosidade as tinham levado para lá. Havia gralhas cinza e pretas, pesadas e graciosas, as gralhas jovens de bicos amarelos e as bisavós de grande experiência. Todas se acomodaram ansiosas em volta da velha cabana.

Uma gralha cabeçuda tomou a palavra.

-Meus caros amigos, grasnava ela; vocês conhecem a miséria que nos trouxe até aqui. Nessas épocas difíceis, não conseguimos encontrar nosso pão de cada dia e alguns já morreram de fome em nossos campos. Muitas de nós estão tão fracas que quase já não podem voar. A culpada é a neve, esta praga do céu que não tem outro objetivo senão complicar a vida das gralhas. Se ela não existisse, seria possível encontrar o necessário.

- Durante muitas noites sem dormir, eu me dei conta disso e decidi fazer a seguinte proposta: Devemos levar a neve embora e deixar a terra livre; todos devem trabalhar juntos nessa tarefa que irá salvar a nós todos. Vocês estão de acordo com isso?

-Sim, estamos, estamos, gritava o povo dos pássaros, grasnando ansiosamente; apenas uma única voz perguntou:

-Mas como?

- É o que vocês vão escutar agora, dizia a gralha sábia, enquanto limpava o

seu bico e, arrumando-se orgulhosamente, seguia falando, colocando cara de importante:

- Não é uma tarefa simples que exijo de vocês; levar a neve embora não é coisa das mais fáceis. Cada um carrega tudo o que puder sobre as suas costas e asas e assim juntamos a neve num monte, até que a terra esteja limpa.

Uns anciões sacudiam a cabeça duvidosamente, porém a maioria das gralhas aplaudia a oradora e no dia seguinte começou a grande obra.

As gralhas eram trabalhadoras como nunca antes, quase mais do que as suas forças permitiam. Mas mesmo assim, depois de oito dias, só um único sulco estava limpo. E o que encontravam lá de alimentos, não era suficiente para dez bicos famintos. Naquele momento, muitas já estavam cansadas e abandonaram suas companheiras. Passados mais de oito dias, nenhum trabalhador se apresentou.

E, quando as gralhas se reuniram novamente, a neve voltara a cair em grossos flocos. Estavam agora ainda mais preocupadas e um grande barulho de grasnados e gritos denunciava a sua agitação.

Uma gralha aristocrática e elegante gritava que deveriam forçar os pardais para que trouxessem pão, porque eles tinham a astúcia e o atrevimento necessários para roubar os seres humanos. Mas o pedido foi recusado com grande indignação.

Uma jovem gralha propunha imitar as andorinhas e cegonhas e emigrar para uma terra mais quente. Mas quando perguntaram pela rota, ela não soube responder e disse que só tinha escutado que era preciso atravessar o mar. Todos começaram a gritar:

- Não. Não. Preferimos morrer de fome aqui a voar para o estrangeiro desconhecido e atravessar o mar, de jeito nenhum!

- Pois que voem para as casas dos seres humanos, dizia uma gralha mansa; eles são bons e nos darão de comer; já faz muitos anos que não mais preciso procurar por um único grãozinho no inverno.

Mas neste momento as gralhas começavam grasnar terrivelmente:

- Que horror, vá embora, vá para seus seres humanos, deixe que aparem as suas asas, faça caretas e truques. Nós não nascemos para ser escravos e palhaços!

E mandaram embora a gralha mansa com mordidas e golpes.

Quando a assembléia voltou a se acalmar, uma gralha muita viajada falou com alguns golpes pensativos de asas:

- Podemos tentar descongelar a neve, como às vezes fazem os seres humanos.

E como ninguém tinha uma proposta melhor, as gralhas aceitaram caladas.

No próximo dia, milhares de gralhas sentaram-se na neve recém caída. Sob os corpos quentes dos pássaros, apareciam pequenas poças de água. Muitos congelavam neste trabalho terrível, mas os recém chegados pegavam seus lugares. Dessa maneira, esperavam com perseverança a realização do seu sonho e suportavam todo o incômodo.

Passados alguns dias, o sol chegou de repente. E o que os milhares de almas não teriam conseguido em cem anos, o filho do céu conseguiu em algumas horas!

A malvada neve começou a desaparecer rapidamente e a terra tornou-se limpa e fértil. As gralhas tinham comida suficiente.

Mas pergunte para as gralhas. Estão convencidas de que o sol não teria conseguido nada sem elas. Sim, a maior parte do trabalho correspondia a elas!

Escutem as gralhas nos campos; vocês podem ouvir como elogiam sua própria força e sabedoria! Mas o sol brilha e se cala e deixa as gralhas acreditarem na sua ilusão!

Tradução de Erica Foerthmann Schultz, com a colaboração dos alunos de Tradução do Alemão II, 2008/1.

O sininho

Há centenas de anos viveu na Alemanha uma criança muito bondosa, que ganhara de sua mãe um sininho prateado para brincar. A criança foi para frente da casa, atirou a sineta para o alto e bradou:

-Esta é para um amável anjinho.

A sineta não voltou à terra; por mais que se procurasse, ela foi e nunca mais voltou. Ninguém chegou a saber onde ela foi parar, mas eu sei e para vocês irei revelar. Por acaso, um pequeno anjo estava brincando no ar sem ser visto e, como ele ouviu as graciosas palavras da criança, pegou a sineta.

Ele voou tranqüilamente com ela pela floresta. As árvores ramalhavam e acenavam bom dia, os pássaros cantavam suas mais lindas canções, as campânulas azuis abanavam com os cálices; elas teriam gostado muito de brincar com o novo sininho; mas o anjo seguiu voando até uma fonte secreta. Ali vivia a fada da floresta, sua pequena amiga. Quando ela ouviu o agradável toque, saiu de pressa da gruta na qual se banhava, saltou para fora, abraçou e beijou o amigo.

-Que bom que você veio me visitar de novo, disse ela, mas que sininho bonito você tem aí?

-Ele foi jogado para mim por uma criancinha dos humanos, disse o anjo, o que você quer fazer com ele?

-Ah, nós poderíamos pendurá-lo, para que toque bem bonito, sorriu a pequena fada.

O anjo concordou silenciosamente com a cabeça e seus olhos azuis brilharam. Voou para o alto e pendurou a sineta com um fio invisível no céu.

Desde então ela está pendurada profundamente na floresta, na qual vive a pequena fada. Na Páscoa, ela sempre deixa sineta bem brilhante. Mas às vezes as crianças boas ouvem um claro toque que parece vir da floresta; sentem-se então como se estivessem no céu, como se elas próprias fossem anjos e amassem o mundo inteiro.

Eu vou contar para vocês sobre uma criança assim.

Fritz era filho de um pobre sapateiro de uma aldeia. Um dia ele precisou ir à pequena cidade, que não ficava distante da aldeia, para buscar um par de botas e viu em uma vitrine uma caixinha maravilhosa com soldados de chumbo coloridos. Ah, como eles eram magníficos! Eles não eram tão espichados e magros quanto os soldados de chumbo costumam ser; não, eram fortes e roliços como os soldados de verdade que marchavam na rua. Fritz tinha muita vontade de também ter seus próprios soldados. Seu pai dissera que ele devia guardar as moedinhas que recebia como entregador de calçados. A partir daí, passou a economizar centavo a centavo.

Finalmente, quando já havia se passado quase um ano, ele tinha juntado um marco.

-Oba, agora eu compro os soldados!

Seu coração disparou de alegria e de expectativa. O caminho para a cidade passava por uma densa floresta; alegre, assobiava e já se imaginava brincando com os lindos soldados fortes.

Então encontrou outro menino que trazia uma estreita gaiolinha de madeira. Uma avezinha cinzenta olhou amedrontada pela grade.

-Nossa, é um rouxinol!, exclamou Fritz.

-Sim, gabou-se o menino, este, eu mesmo preendi.

- Meu Deus, pobre animal, deixe-o voar de novo, pediu Fritz, olhe só como ele está amedrontado.

-Não seja bobo, falou o menino, o passarinho me paga por ele no mínimo um marco.

-Aqui, bradou Fritz, eu tenho um marco, dê-me o rouxinol.

-Pode ser, disse o menino, olhou sorrindo para Fritz, pegou o marco e foi embora.

Ali ficou nosso pequeno Fritz com sua gaiola e de repente pensou com tristeza em seus lindos soldados. Mas a avezinha olhou-o com olhos tão suplicantes, que ele depressa abriu a gaiola. E assim que o animalzinho se livrou de sua prisão, voou alto e rejubilou entre as árvores. Parecia para nosso pequeno aprendiz de sapateiro, que uma sineta estava a tocar ao longe, mais linda e delicada que qualquer outro sino. Ficou tão feliz que não podia conter a alegria. Em uma grande curva, ele jogou a gaiola em um arbusto e correu para casa.

Por muito tempo ele guardou com clareza o toque prateado do sininho no ouvido e no coração. Essa lembrança parecia para Fritz mil vezes mais bonita que a dos gordos soldados coloridos que em algumas semanas teriam se quebrado.

A fada da floresta sempre se senta na fonte e presta atenção, quando uma criança foi correta e de bom coração. Nesses casos, ela toca suavemente a encantadora sineta. E então vem também o pequeno anjo de olhos azuis, e juntos se alegrem pela boa criança.

Você ainda não ouviu seu toque?

Tradução de Lara Frichenbruder Kengeriski

Do homenzinho de fogo e a rata cinzinha

-Hoje quero contar para vocês a história do Homenzinho de Fogo, disse uma noite a nossa querida e velhinha tia Minna.

- Na verdade, ela é um pouco apavorante, mas mesmo assim quero contá-la para vocês.

Vocês têm que saber que, na casa de Pankenbrück, tínhamos uma grande estufa de ladrilhos, uma velha estufa verde. E ela tinha ganchos reluzentes para pendurar roupa molhada e também um forno com uma porta de latão.

No inverno, havia maçãs assadas ou uma panelinha com café no forno para o Fritz e a Grete quando voltavam cansados e famintos por ter patinado tanto.

Crianças, digo para vocês, era um exemplar esplêndido de uma estufa de ladrilhos!

E o que era o mais magnífico, é que nela morava um Homenzinho de Fogo, um diabinho real e amarelo. Quando em baixo se abria a porta e as chispas cor de fogo saíam, se podia ver claramente como ele pulava e saltava - *poin, poin* - sempre através da chama, para um lado e para o outro. Às vezes ele dava um espetáculo muito cômico. Divertia-se partindo ao meio os pedaços de madeira que não queriam pegar fogo imediatamente, também cuspiam nas chamas para que fagulhassem e assobiassem e dava risadinhas atrás delas. Era certamente um diabinho, como também todos os outros homenzinhos de fogo.

Agora vai começar a minha história.

Uma vez tive que pôr uma ratoeira. Havia aparecido um buraco muito suspeito no pão que estava no armário de canto na sala de estar. Fritei um pedaço de toucinho até ficar bem crocante e o pus na ratoeira. Na manhã seguinte o toucinho não estava mais ali, mas a ratoeira estava fechada e não havia nenhuma ratinha. Grete e eu sacudimos admiradas as cabeças; só o Fritz, que não se admirava com nada, dava gargalhadas e até pensamos que ele havia deixado a ratinha correr. Ele

disse que não, e como era um menino que sempre dizia a verdade, tínhamos que acreditar nele. Preparei outro pedaço de toucinho e pus a ratoeira pela segunda vez. Mas tudo aconteceu como antes: foi-se o toucinho, foi-se a rata, a ratoeira fechada! As coisas não estavam caminhando bem!

Então fiz a minha cama no sofá da sala de estar, pois queria espiar. De novo havia um cheiro do pedacinho de toucinho suculento. Deitei-me e de vez em quando pestanejava, mas tudo continuou silencioso.

Se a lua cheia não tivesse brilhado tão claramente pela janela, com certeza o tempo me teria parecido mais longo.

Finalmente ouvi passinhos e, crianças, agora as coisas começaram a esquentar. Aí estava minha ratinha, mas não estava só, estava acompanhada por um cavalheiro gentil, ou seja, o nosso Homenzinho de Fogo em carne e osso. Ele foi para a ratoeira, levantou elegantemente e habilmente a armadilha, a ratinha pegou o toucinho e quando estava salva, o carinho deixou cair cuidadosamente a armadilha. Eu olhei divertida com que apetite comiam o toucinho e apurei o ouvido para observar o que ainda iriam fazer.

Não tive que esperar muito até começarem as suas brincadeiras engraçadas.

No meio do chão havia uma mancha branca grande pintada pela lua cheia. Aí começaram os seus malabarismos. Como os ginastas e equilibristas mais hábeis, digo para vocês!

Em uma das brincadeiras, o homenzinho era o cavaleiro e a rata era o cavaleiro. *Upa*, galoparam num círculo sem sela e freio. Isto vocês deveriam ter visto! O homenzinho ágil escorregava desde as orelhas pequenas da ratinha à ponta do rabo, de um lado para o outro, para frente e para trás, até que a sua pequena saia amarela inflou ao redor dele e os sapatos vermelhos estralaram. Ao mesmo tempo, deu uma cabeçada e fez piruetas; digo para vocês, fiquei tonta vendo tudo isto.

Então, a rata correu como um foguete pelas pernas do seu parceiro, voltou pela esquerda e pela direita, de improviso pulou sobre a sua cabeça, de novo correu pelas pernas e finalmente fugiu dele. Então começou a brincadeira frenética de pegar em cima de cadeiras e mesas, por cima e por baixo; da calha do telhado ao peitoril da janela, daí aos braços do sofá ou através da cômoda até finalmente se tinham capturado e ficaram cansados. Então se sentaram quietos num banquinho e se acariciaram e se beijaram como verdadeiros amantes.

Logo fizeram barulho novamente como antes. Isto durou mais ou menos uma hora; então desapareceu a lua e a rata e o Homenzinho de Fogo entraram na parte de baixo da estufa, onde já há muito tempo faltava um ladrilho. Bem, agora estava informada e decidi, como a rata era a querida do Homenzinho de Fogo, não fazer nenhum mal a ela. Pelo contrário, Grete tinha que colocar todos os dias uma tigela de leite diante do buraco no forno; e de vez em quando eu colocava um petisco saboroso nela; pois sabia que também o Homenzinho de Fogo não menosprezava uma boa comida.

Em pouco tempo a rata era tão mansa que também de dia ousava sair do buraco, aparecia na hora de comer e levava mais que um petisco para o seu amor no buraco do forno. Nós a apelidamos Senhora Cinzinha e a queríamos bem.

Quando havia lua cheia, não conseguia ficar calma; pelo menos uma noite tinha que assistir às suas brincadeiras traquinas. Também fazia a cama para o Fritz e a Grete na sala de estar; mas as crianças bobinhas sempre dormiam e na manhã seguinte não sabiam nada do Homenzinho de Fogo e da Senhora Cinzinha.

Assim moramos juntos e felizes por alguns anos; e quando havia maçãs assadas no nosso forno velho e lá fora havia vento, contava para as crianças os novos malabarismos do Homenzinho de Fogo e da Senhora Cinzinha, e eles olhavam divertidos no buraco do forno e viam o diabinho chamejando e pulando alegremente.

Mas agora vai começar a parte triste, porque tudo o que é belo na vida um dia tem um fim.

Um dia a nossa ratinha apareceu morta diante do seu buraco. Um gato estranho havia entrado escondido e a tinha apanhado. Expulsei o gato, mas cheguei tarde.

Fiquei na sala de estar e quando veio a lua, vi o Homenzinho de Fogo se lamentando ao redor do corpo. No final, carregou-a nas costas e andou devagar pelo habitual caminho dos ladrilhos.

No forno ainda havia brasas, me inclinei para poder olhar para dentro, e ali ele já estava no meio com a sua Cinzinha querida. As chispas que iam enterrar a ratinha chamejavam iluminadas; sem dizer nada, o Homenzinho de Fogo ficou ao lado dela e a olhou.

Senti-me muito triste, como se tivesse morrido alguém querido por mim...

Na nossa casa também se instalou o silêncio desde que o Homenzinho de Fogo e a Cinzinha deixaram de brincar. O Fritz foi para o exército e a Grete tornou-se educadora na Hungria.

Para mim, sozinha, não queria mais botar maçãs assadas no forno. E quanto ao Homenzinho de Fogo, depois daquela noite, nunca mais o vi.

Tradução de Maike Brinker

O gato que queria ser gente

Era uma vez um gato que vivia na casa de um poeta. Ele tinha uma lustrosa pelagem preta, magníficos olhos verdes e o mais belo e gordo rabo de gato, comprido e largo. Em suma, ele era um gato como manda o figurino! O seu dono, o poeta, o considerava sublime e valoroso. Ele afirmava que o gato entendia todas as palavras, e era assim mesmo.

Numa noite em que o poeta tinha visitas, ele assobiou para o gato e o deixou pular na mesa.

-Agora mostre o que você sabe, disse erguendo o dedo.

Então, o gato imediatamente eriçou os pêlos e bufou para as pessoas presentes com olhos fulminantes. Mas o poeta disse:

-Ao meu gato falta meramente a linguagem, se ele a tivesse, seria certamente tão inteligente quanto qualquer de nossos professores e poderia ser um respeitável doutor

. Os amigos riram e acariciaram o gato que ronronava de prazer. Porém, um deles disse:

-Ora, o que não é, ainda pode ser. E riram ainda mais.

Todas essas palavras subiram à cabeça de nosso gato, e a ambição começou a fervilhar fortemente.

-Se eu fosse gente..., pensou, deve ser magnífico poder expressar por palavras seus mais profundos sentimentos; como é pobre essa nossa língua de gato! Para chegar a falar como um humano eu daria a minha cauda!.

Ele ficou muito melancólico e, à noite, sobre os telhados, queixava-se do seu sofrimento para a lua. Mas ela não o entendia, assim como sua vizinha, a gata branca, que, assustada, olhava seu amigo de soslaio e fugiu, com um miado cheio, de medo para a casa do seu primo, o gato cinza.

-Ela não combina comigo, pensou ele, o que sabe da minha ânsia?

Novamente deixou sua voz queixosa soar.

Enfim, foi ouvido por uma gralha mansa, que possuía uma grande habilidade com a língua humana.

-Você quer me dar uma parte do seu almoço, grasnou, posso te ensinar já, posso te ensinar já! - Oh, disse contente o gato, tudo, tudo, e mais alguns ratos por isso, amada e adorável senhora gralha, a senhora me faz infinitamente feliz!

Então combinaram local e horário, e a aula teve início. Nas primeiras vezes, o gato aprendeu com extrema dificuldade, o seu velho miado aparecia no meio das mais belas sílabas. No entanto, finalmente ele entendeu como devia manter a língua e chegou a pronunciar a primeira palavra. Como nosso amigo ficou contente e orgulhoso! Como treinava com dedicação sob a sombra na chaminé! Após alguns meses, ele pode enunciar uma frase longa, e logo superou sua mestra, para quem recitou uma poesia completa que havia ouvido do pequeno Fritz, o filho do poeta.

Agora, ele se sentia completamente humano e decidiu ir ao mundo para se tornar o algo melhor.

Entrou furtivamente no quarto de Fritz, onde, no roupeiro, ficava a roupa de domingo, que vestiu, alegrando-se por ela ter-lhe ficado bem. Mas como a cauda queria sempre ficar para trás e para fora, prendeu-a sobre a barriga, depois apanhou o boné de Fritz e saiu para o jardim na ponta dos pés. Aqui, ele andou algumas vezes ereto ao longo do muro para se acostumar a andar sobre as pernas traseiras. Ele ainda se despediu rapidamente da gralha, lançou um olhar misericordioso à gata branca e partiu em sua peregrinação.

No caminho, para treinar, tentou contar a história do gato de botas, que recentemente havia ouvido a ama de Fritz ler. Ficou tão abismado com a sua missão que não notou o que se passava ao seu redor. Já fazia um longo tempo que marchava ao lado dele um estudante que estava em viagem de férias e ouvia admirado, divertindo-se com o gato falante.

Finalmente, ele o cutucou:

-Você é uma pessoa ou um gato?, perguntou o estudante.

-Depende, respondeu o gato, enquanto se curvava cerimoniosamente como aquele da história; espero me desfazer completamente de minha natureza felina na alta sociedade humana e me tornar uma pessoa de verdade.

Quando o estudante ouviu essas palavras sábias e ponderadas, ofereceu logo sua amizade ao gato e lhe comprou um *pince-nez* (um óculo para um olho só) e luvas de pelica.

-Agora você pode circular na sociedade mais refinada, considerou.

Assim, concordaram em andar juntos, já que o estudante era muito divertido e gostava de aventuras.

-Ouça, Preto, disse-lhe um dia, você tem de ir para a universidade, você é um gato tão genial que tem de estudar!

O gato ficou completamente vermelho de alegria por baixo de seus pêlos.

-E o que você pensa que devo estudar, perguntou com o coração aos pulos.

-Eu acho que você teria talento para ser estudante de Direito, disse sério e explicou ao seu amigo o que era isso.

-Eu o aconselharia a ir para Suíça; na nossa pátria alemã, até hoje não é permitido que pessoas de ascendência felina estudem Direito.

O gato ficou feliz, pôs-se a caminho, indo para Zurique.

-Você é uma pessoa ou um gato?, perguntou-lhe o reitor da universidade.

-Eu sou um gato transformado em gente, disse o nosso amigo, orgulhoso e modesto. O reitor o olhava com dúvidas, meneava a cabeça, porém, finalmente lhe deu a permissão, e, assim, ele começou a estudar.

Mas era agora que começava seu sofrimento. Os estudantes o tiravam do caminho ou zombavam dele, perguntando onde podiam ajustar suas roupas com tanto cuidado como ele. Fazia a barba deixando o rosto liso, embora lhe causasse um frio terrível. Sim, se acostumou até a beber cerveja e fumar tabaco, o que, de modo algum, fazia parte de sua natureza, apenas para se parecer com os outros e agradá-los. Mas todas as cortesias e gentilezas eram em vão, ele era e permanecia sendo o gato preto para os professores e alunos e se sentia cada vez mais amargo quando sua origem era desprezada.

Quando eu for advogado, pensava, eles me verão como a um igual, e estudava com fervor e meticulosidade.

Em fim, ele estava adiantado o suficiente para fazer seu discurso de formatura. O grande salão estava densamente lotado; todos queriam ouvir o gato sábio falar e tirar dele sua diversão. Ele havia posto as luvas de pelica, ajeitado o pince-nez e subido à tribuna. De um canto soou um miado longo e baixo; o gato se forçou a manter a calma e iniciou o seu discurso ensaiado.

Mas quando ele chegou à frase: *“O mundo está submetido à sentença do tempo, e nós, humanos, submetidos à sentença do futuro”*, algo terrível aconteceu.

Os estudantes começaram a berrar e a miar alto, erguia-se uma gargalhada estrondosa e lá do meio gritavam:

-Gato, gato preto, gato do futuro, fora gato!

Nosso gato tremia e fitava o povo enraivecido abaixo de si. De repente, sentiu como se aquela multidão fosse um monte de ratos chiando e brigando, um monte de ratos, um monte de ratos chiando! Seus pêlos se eriçaram, de um golpe sua alma de gato despertou; furiosamente, arrancou a roupa do corpo, seu rabo preto se ergueu abruptamente e, enquanto todos riam e berravam cada vez mais alto, saltou com uma gritaria lancinante sobre as cabeças dos ouvintes, mostrou suas garras afiadas e bufou:

-Um monte de ratos, um monte de ratos!

Então, a multidão foi tomada por um medo terrível, e com o grito estridente de *“o gato enlouqueceu!”*, lançaram-se às portas numa fuga selvagem. Logo o salão estava vazio.

O gato se acalmou pouco a pouco e pulou para cima da cátedra, onde lambeu o pelo revoltado e bagunçado, deixando-o muito limpo e liso.

- Não vale a pena ser gente, pensou, nós, gatos, somos um povo nobre.

Em seguida, esticou seu flexível corpo de gato como se o libertasse, ronronou, espreguiçou-se e abandonou a universidade com a cauda empinada.

Seu dono, o poeta, quando o viu retornar, ficou contente e perdoou com gosto suas travessuras.

Em uma noite, quando ambos estavam sozinhos, o gato lhe contou sua aventura, e o poeta a escreveu como advertência para todos os outros gatos ambiciosos.

Se vocês quiserem ver o gato erudito, visitem a Rua do Moinho, número 3. Lá fica ele sentado sobre as plantas do telhado, conversando com a sua vizinha, a gata branca.

Tradução de Vinícius Heinrich

Menino sol

Crianças! Vocês não podem me atormentar exigindo sempre novas histórias! Prestem atenção: minha arvorezinha de histórias, aquela que fica lá no pátio; a pequena nogueira conhecida de vocês, vai ficar furiosa, se eu for sempre lá. E, pelo amor de Deus, eu não posso deixá-la zangada. Porque se uma árvore de histórias como essa ficar zangada, pode ficar muito doente. As folhas ficam murchas e todas as borboletas azuis, assim como os passarinhos vermelhos e amarelos que vão visitar a árvore, vão se assustar e fugir. Apenas aranhas e lagartas vão passear pela árvore. Então podem imaginar que as histórias e contos de fadas que caem da árvore serão igualmente feias e zangadas. Tão feias que nem podem ser contadas. Por isso, pequenos e grandes tagarelinhas, esperem até eu começar com “*era uma vez*”. Aí as cerejas estarão maduras e recém colhidas da árvore, deliciosas. Mas para que vocês não saiam hoje de mãos abanando, vou contar de onde vem a bonita árvore e porque gosto tanto dela.

Meu irmão Karl completara 10 anos e foi enviado para o ginásio, na cidade. Eu estava totalmente sozinha na nossa silenciosa casa paroquial. Meu irmãozinho que era tão bom para mim e ótimo para se brincar, estava longe. Eu andava perdida por aí. Nenhum brinquedo me animava; até mesmo com o Sentinela, nosso cachorro, eu não me entendia mais. Meus pais observaram isso por uns dias, não diziam nada e faziam de tudo por mim. Mas depois de uma semana sem melhorar, meu pai me segurou e disse que eu já estava crescida demais para ficar desse jeito. Eu deveria ler e estudar para não ficar mais burra que o Karl e para ele ficar contente quando voltar para casa nas férias; eu deveria bordar uma bela bolsa para suas escovas e pentes, coisa que minha mãezinha já tinha providenciado.

Em um primeiro instante, fiquei paralisada feito um pedaço de pau, sem dizer uma palavra; tinha um nó na garganta. Depois comecei a soluçar, dei meia volta,

saí de perto do meu pai; afastei-me da casa, seguindo pela rua do povoado até me encontrar no meio do campo. Lá no estreito caminho estava a grande faia vermelha, brilhante como o fogo; lá onde não havia pessoas e onde cresciam apenas as flores azuis das escovinhas e a alfafa colorida. Lá eu poderia ficar jogada no chão, furiosa, conforme pedia meu coração. Pois era assim que eu estava. Eu não queria bordar nenhuma bolsa para Karl; não queria me comportar bem para o meu pai; não queria nada, apenas ficar deitada no sol e chorar.

O sol deveria estar forte e devo logo ter caído no sono. Quando acordei, tinha um belo rapaz magro na minha frente; ele tinha um ramo de folhas de nogueira na mão fazendo sombra no meu rosto. Eu dei um pulo e fiquei com os olhos esbugalhados.

- Quem é você? De onde você veio?

Ele me olhava de maneira simpática, dizendo:

- Eu sou o Menino Sol, sei que você não tem ninguém para brincar e por isso eu vim, para brincar contigo.

Abanando o ramo de folhas no ar, surgiram grandes borboletas de todos os lados: azuis, amarelas e vermelhas, que pousavam na faia vermelha. O Menino Sol cantou:

*Passarinhos do Sol dançam ciranda
Sobre os galhos,
Sobre o centeio.*

Nisso as borboletas esvoaçavam no ar, formando fileiras conforme sua cor. As fileiras voavam umas sobre as outras, cruzando no ar quando o Menino Sol mexia os ramos; círculos se formavam e estrelas de borboletas batiam as asas num mesmo ritmo, abrindo e fechando num enorme círculo dançante que, finalmente, nos envolveu. Vocês não têm idéia de como era agradável! Então o Menino Sol balançou mais uma vez os ramos e as borboletas baixaram suas antenas como um sinal de adeus, voando em seguida sobre o campo. O Menino Sol estendeu os ramos novamente e cantou:

*Alminhas de elfos,
Raiozinhos de sol,
venham, com vocês eu quero brincar!*

Então centenas de pequenos raios dourados caíram sobre os ramos de folhas. O Menino Sol começou a brincar de jogar a bola pro alto e pegar. Ele jogava de maneira tão habilidosa a bola para o alto e para os lados que pareciam raios nos circulando, tão claros que ofuscavam a visão. Finalmente ele estava com todos na mão e começou a construir objetos com eles. Lindas torres cresciam diante dos olhos, pontes sobre águas brilhantes, jardins dourados com chafari-

zes e flores douradas. Eu estava encantada, segurei o Menino Sol no pescoço e dei um beijo nele. Mas ele jogou os raios de sol de volta ao ar, onde eles sumiram como névoa.

- Espere, agora vamos brincar de pegar, disse ele, me entregando uma das grandes folhas de nogueira.

Foi como se eu não tivesse mais os pés; eu andava sobre as espigas sem pisar nelas, podia subir nas árvores sem escalar. Aos gritos, eu tentava pegar o Menino Sol, mas ele era mais rápido que eu; sempre quando pensava que ia alcançá-lo, ele já estava longe, rindo de mim com seus olhos azuis. Finalmente, acho que ele deixou-se capturar e eu o segurei. Ofegantes e risonhos nos sentamos numa pedra com as mãos nos ombros e descansamos. Ao redor floriam as escovinhas e a papoula selvagem; fiz uma coroa para o Menino Sol e fiquei contente por combinar com seu belo cabelo loiro.

- Vamos dar uma volta de trem ainda? perguntou ele.

Quando eu olhei, ele cantou:

*Aranhazinhas, feito o vento,
tramem um trenzinho
para o Menino Solzinho*

Então centenas de aranhas vieram rastejantes e, antes que eu me desse conta, pequenos trilhos pularam no ar e uma pequena locomotiva feita de cascas de nozes surgiu rapidamente.

- Não tenha medo, sorriu o Menino Sol, meu veículo é seguro.

E quando ele me tocou com o ramo de folhas, ficamos do tamanho de formiguinhas. A seguir, andávamos feito um raio sobre florestas e lagos, cidades que pareciam casinhas de bonecas espalhadas pelo mundo. Ao passar pela lua, ela arregalou os olhos e chamou:

- Vocês não querem ir para cama, mocinhos?

Sem dar atenção, desviamos dela e seguimos até o mar. Lá observamos em silêncio como as grandes ondas vinham sobre a praia e voltavam, sempre de novo, sempre de novo, e escutávamos o barulho que vinha de longe e mesmo assim parecia próximo.

Quando íamos para casa segurei a mão do Menino Sol e perguntei:

- Você não quer ficar comigo? Eu gosto tanto de ti, mais do que meu irmão Karl; venha comigo, minha mãe também vai ficar contente, você pode dormir na cama do Karl, e quando terminarmos o trabalho, poderemos brincar juntos.

O Menino Sol acariciou minhas bochechas, me beijou e disse:

- Não, mocinha, assim como gosto de ti, também gosto de todas as outras crianças; e quando elas estão muito tristes, venho e brinco com elas. Sabe aonde vou amanhã?

- Ver o Karl, com certeza ver o Karl, disse eu.

-Sim, isso mesmo, pobre garoto! Ele também deve estar angustiado por causa da irmã, e pense que você ainda tem sua mãezinha, teu querido pai e o Sentinela; mas ele não tem ninguém: está rodeado de pessoas desconhecidas com as quais ele ainda tem que se acostumar.

Meu coração parou quando o menino Sol disse isso para mim. Certamente eu não queria mais ser tão mal educada quanto fui hoje ao meio dia, e assim que voltasse para casa iria começar a bordar para o Karl. Quando saímos do trenzinho e estávamos ao lado da faixa vermelha, o Menino Sol me disse adeus. Eu o olhava com um olhar triste.

-Você não vai voltar nunca mais e brincar comigo?

-Talvez, disse ele, talvez; mas porque você tem lindos olhos castanhos e gosta tanto de brincar com seu irmão, coisa que poucas crianças fazem, vou te dar um presente.

Ele pegou um dos galhos do ramo e plantou na terra.

-Leve junto para onde fores, disse ele e me beijou.

Então ele se foi silenciosamente sobre o campo, no meio do sol poente que brilhava no céu como uma grande flor vermelha.

Quando tirei o ramo da terra, ele tinha raízes que plantei no nosso jardim e lá cresceu.

Então, crianças, foi assim que cheguei à minha árvore de histórias que me conta e canta todas essas lindas histórias. Quando estou triste, me sento debaixo dos seus galhos e as borboletas azuis e os passarinhos coloridos aparecem, tentando me distrair os pensamentos. Quando isso não funciona, fecho os olhos. Então eu vejo o Menino Sol e sua beleza diante de mim, escuto sua voz carinhosa e lembro-me de todas as brincadeiras maravilhosas que fazíamos. Assim toda a tristeza desaparece, fazendo o sol brilhar através das nuvens mais grossas.

Se me visitarem nesses dias, brinco tanto quanto vocês quiserem. Mas novas histórias?! De jeito nenhum, não posso contar sempre que quiserem!

Tradução de Cristiano Kunst

A flor de Cristo

Ela é muito solitária, esta flor que vai ser o assunto da história de hoje. Ela não conhece os dias felizes da primavera ou as noites perfumadas do verão. Não tem amigas que cresçam e conversem baixinho a seu lado e nenhum pássaro canta para ela em seus sonhos. A neve e o gelo são tudo o que seus olhos vêem; o vento frio do norte a acaricia e o canto monótono dos corvos é sua música.

No entanto, ela é branca e delicada como uma de suas irmãs. Cresce altiva em uma coroa de folhas verdes e seu cálice fundo guarda os segredos das flores. Ela nem sente as dores do inverno! É serena e orgulhosa de sua força. Sabe que é privilegiada: única flor que floresce no inverno, a única que pode celebrar o Natal com os moradores da terra. Diga-me, irmã do lírio, o que te chamou à vida no inverno? O que te deu forças para enfrentar o frio e a tempestade? Porque não dormes em paz na terra?

As folhas sussurram melodias e acordes, murmuram e sussurram, ouço sílabas, palavras- e agora vou contar a história para vocês.

É dia de Finados. No caminho para o cemitério vai um grupo silencioso de pessoas com roupas escuras. Carregam coroas para os mortos, feitas de galhos de pinheiros, flores secas, carvalhos sempre verdes e galhos com pequenas frutas vermelhas.

Andam em silêncio, como se pensassem nos tempos passados ou sonhassem esperando claridade para o futuro. O último deles é um menino pequeno que carrega uma cruz verde de madeira no ombro, carga pesada para o corpo jovem!

É uma cruz simples, rústica, sequer foi lixada. Mas o menino a olhava com carinho, provavelmente foram as mãos dele, inexperientes, que trabalharam a madeira.

O sino da capela mortuária toca e a triste procissão entra pelo portal. Um leve sopro de vento os acompanha, são os anjos dos mortos que seguem invisíveis o cortejo. No caminho principal, os visitantes dos mortos se dividem sem fazer

barulho algum. Também o menino pálido encontra logo o túmulo da mãe. É um túmulo novo, sem adorno ou cuidado destaca-se na neblina fresca de manhã. O pequeno menino se ajoelha, coloca a pequena cruz ao lado da cabeça da morta e reza em voz baixa. O anjo que o acompanha abaixa-se para ler o que estava escrito na cruz. “*Minha querida mãe*” está escrito com letras grandes e infantis em diagonal na madeira. Mais nada. O anjo beija o menino na cabeça.

Aos poucos, os outros túmulos vão sendo enfeitados com muitas e muitas flores e coroas dos tristes visitantes. Os olhos do menino olharam apreensivos para o túmulo vazio e um estremecer de dor atravessou o pequeno rosto do menino. “Querido Deus”, rezou baixinho, “por favor, deixe crescer uma flor bonita para minha mãe, eu tenho que ir embora para o orfanato e não poderei mais levar flores para ela. Mas Você é bom e poderoso e eu Lhe imploro!”

Neste momento o anjo beijou o menino uma segunda vez e um brilho de certeza veio nos olhos castanhos do menino. Ele arrumou a cruz mais uma vez, beijou o túmulo da mãe e seguiu os outros que foram para a casa.

Mas o anjo voou para a casa de Deus e contou o desejo do menino.

-É inverno, disse o Senhor, todas as plantas dormem; e agora eu devo mudar as leis só por causa deste menino?!

-Seu poder, Senhor, é maior que Sua lei, Sua bondade é superior a Sua vontade!

Neste momento, o Senhor sorriu, uma música tocou nas estrelas e as nuvens brilharam.

-Vem comigo!, disse para o anjo e eles foram para o jardim do paraíso.

Lá florescem as flores que foram destruídas na terra por mãos que as jogaram fora e pés que não tomaram cuidado. Elas ficam muito mais bonitas aqui, na luz do céu, do que sob o sol da terra. Quando o Criador se aproximou, as flores e as gramas se estenderam na direção dele e os cálices produziram perfume e brilho.

Deus se aproximou de um lírio branco, que tremia ao ser tocado e beijado por Ele, e entregou-o para o anjo.

- Para alegria do filho da terra e como lembrança do meu próprio Filho, ele vai florescer na neve e no gelo como mensageiro do céu. Os ventos têm de distribuir suas sementes nos países do norte e que calor de minha vontade percorra suas raízes e nelas permaneçam para sempre!

- Você, porém, deve afastar as marcas da morte e proteger o menino de bom coração. Estenda as asas sobre ele, de modo que a semente que brota em sua alma não morra no frio e na seca e assim a flor do amor ao próximo nele floresça. Ela é a mais bela de todas as flores do paraíso.

Agradecendo, o anjo se inclinou e beijou o manto de Deus e foi cumprir as suas ordens.

Foi assim que a flor de Cristo chegou à terra, e os homens de fé percebem sua origem divina.

Tradução de Annelie Scheider

A história de uma mosca de inverno

Há muito tempo, fui uma pequena mosca de inverno. Vocês não devem rir, queridas crianças, me lembro muito bem: arrastava-me para lá e para cá no alto da vidraça e via as árvores negras e a neve branca do lado de fora. De início, eu ainda tinha companhia, uma varejeira aleijada que nasceu na primavera e me contava sobre aquela estação. As árvores negras tinham uma imensidão de suas folhas verdes e, em frente à casa, onde agora estava a neve, tudo fora colorido e brilhante, repleto de flores e ervas e perfumes e mel. As pequenas libélulas azuis balançavam-se no ar como florzinhas vivas e o sol brilhava em seus corações. E eu ansiava pela primavera. A velha mosca tornou-se cada vez mais silenciosa, ela não queria mais viver e uma manhã caiu morta sobre o peitoril.

Agora fico sozinha pensando na primavera que a varejeira descrevia, será que ela vai voltar?

O quarto, no qual voava, era grande e quente. Tinha frisos de madeira brilhante com entalhes escuros, nos quais era possível passear; comida também não me faltava, mas não gostava de ficar voando por aí, sempre à espera.

A velha senhora na poltrona junto à janela também esperava, eu sentia isso. Ela sempre usava um vestido marrom; um de lã durante a semana e no domingo um de seda. Eu gostava de voar alto e pousar sobre os punhos brancos de renda. Ali podia ficar por bastante tempo e ver os velhos dedos magros, que zelosos tricotavam meias masculinas. Às vezes, ela também tinha um jornal nas mãos e à meia voz lia para si, em geral sobre navios que deviam chegar; às vezes também passava muito tempo olhando quieta pela janela. Muitas vezes eu pensava: ela também deve estar esperando a primavera.

Um dia chegou uma longa carta, que ela sempre relia. Naquele momento, eu estava pousada sobre a cabeça de leão entalhada em sua poltrona.

-Veja, pequena mosca do inverno, disse ela, veja, agora vem meu menino, meu Konrad, e estava bem corada e contente.

Desse dia em diante, usava o vestido de seda marrom e ficava ainda mais em frente à janela. Procurou a antiga prataria na cristaleira e a poliu, e a criada pôs uma cortina branca limpa.

Então passou um dia após o outro, e nós ainda esperando. A velha senhora aguardando seu filho, e eu a primavera. Finalmente ele chegou. Um jovem moreno rompeu pela porta. "Mãe, mamãe, mãezinha", chamou; a velha senhora apenas chorou, não disse uma palavra e acariciava constantemente o cabelo dele. À porta, estava uma jovem, com olhos brilhantes e rosto claro, que o jovem tomou pela mão e disse:

-Esta é Susanne, minha noiva, agora você terá também uma filha, uma filha muito querida.

A velha senhora não conseguiu dizer mais nada; sentou no sofá entre os jovens e acariciou alternadamente suas mãos. Então, feito o café, parei sobre um torrão de açúcar, e os noivos receberam as lindas xícaras prateadas.

Então finalmente a mãe conseguiu falar e contou sobre seu noivado. Bebera destas xícaras com seu esposo no dia de seu casamento e novamente no dia do batizado de Konrad. As xícaras seriam dadas de presente para seus filhos, assim como também foram presenteadas por seu pai.

O jovem falou de sua viagem pelo oceano, e a jovem moça sobre seu lar e suas pequenas irmãs e sobre como se apaixonou por Konrad. A velha senhora olhava feliz de um e para o outro e abraçava-os de tempos em tempos. Mais uma vez sonhei com a primavera e voei até a janela.

Lá fora não havia mais neve, só poças d'água sobre o prado e o sol cintilava como ouro. Nas árvores negras havia brotos verde-claro, e minhas asas tremiam de vontade de voar para fora, mas a janela estava fechada.

A noite foi agitada em casa. Ouvi portas abrindo e batendo e um carro indo para lá e para cá. Também tive a impressão que choravam no andar de cima. De manhã vieram ao quarto o jovem e a moça, pálidos e com roupas negras. Sentaram-se silenciosamente no sofá e por algum tempo não falaram uma palavra. De repente o jovem se levantou, passou a mão pelo cabelo e disse:

-Venha, querida, ela morreu de felicidade e com alegria vamos pensar em nossa querida mãe! Não podemos esquecer deste dia de primavera e lembrar todos os anos sua partida! Olha, como lá fora tudo renasce com nova luz! Venha!

E eles foram de mãos dadas, e eu voei atrás deles. Lá fora estava pura luz e sol, e era como se voasse pela primeira vez. Deslizava contente de uma árvore para outra, até que cheguei a uma sem folhas, mas com flores muito brilhantes. Que perfumadas e vibrantes! Delirei de um cálice a outro e sorvi e bebi e delirei. O sol brilhava em meu coração e as pequenas libélulas azuis oscilavam em torno de mim, e tudo ciciava, soprava, vibrava... Então devo também ter morrido de alegria, pois não sei mais nada sobre o tempo em que era uma pequena mosca do inverno.

Tradução de Lara Frichenbruder Kengeriski



Impressão:



